

in NICO, B., CARVALHO, L., NICO, L. & SILVA, J. (2008). "Ainda o analfabetismo no Alentejo: Passado e Presente de uma Realidade". in Bravo Nico et al (Orgs). *Aprender no Alentejo – IV Encontro Regional de Educação*. Évora: Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora.

## AINDA O ANALFABETISMO NO ALENTEJO: PASSADO E PRESENTE DE UMA REALIDADE

Bravo Nico<sup>1</sup>, Luísa Carvalho<sup>2</sup>, Lurdes Nico<sup>3</sup> & Joana Silva<sup>4</sup>

### 1. Começando

Quando se fala em analfabetismo, o pensamento associado é geralmente de inexistência de algumas competências, aprendizagens, conhecimentos e, em última análise, de parte significativa de cultura.

O analfabetismo é um fenómeno que perdura na história (e cultura) do nosso país e ainda hoje está bastante presente na realidade portuguesa, sendo a região alentejana a que mais elevada taxa de indivíduos analfabetos apresenta.

Em Portugal, de acordo com Censos Populacionais de 1991, (INE, 2001) a taxa de analfabetos rondava os 11%, sendo que, no Alentejo, essa percentagem apresentar o valor de 21,9%. Em 2001, (INE, 2001) a nível nacional, essa mesma taxa desceu para os 9,1% e, no Alentejo, para os 17,1%.

Através de uma análise mais apurada, obtida pela distribuição das taxas de analfabetismo pela região Alentejo, verificou-se que, em 2001, existiam concelhos com taxas superiores a 21% e, muito frequentemente, freguesias com taxas superiores a 25%, como se pode verificar no Quadro 5 e 6.

A presente comunicação visa dar a conhecer o passado e o presente de uma realidade ainda tão presente entre nós: o Analfabetismo no Alentejo.

### 2. Algumas reflexões em torno dos conceitos

O analfabetismo é um conceito antigo, mas, simultaneamente, dinâmico e evolutivo, uma vez que, sendo "*plurissignificativo e sujeito a uma constelação de valores culturais, sociais, económicos*" (Lima, 1994:105), sempre dependeu dos contextos históricos e sociais das épocas em que foi estudado, utilizado e medido.

Se, tradicionalmente, "*o conceito de alfabetização traduz o acto de ensinar e de aprender a leitura, a escrita e o cálculo*" (Benavente, 1996:4), na actualidade, toda essa realidade conce-

<sup>1</sup> Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora.

<sup>2</sup> Escola Superior de Educação do Instituto Superior Politécnico de Portalegre.

<sup>3</sup> Direcção Regional de Educação do Alentejo.

<sup>4</sup> Escola Comunitária de São Miguel de Machede.

ptual é associada a “um novo conceito – a literacia – traduz a capacidade de usar as competências (ensinadas e aprendidas) de leitura, de escrita e de cálculo. Tal capacidade de uso, escapa, assim, a categorizações dicotómicas, como sejam analfabeto e alfabetizado” (Benavente, op.cit.). A uma perspectiva mais dicotómica, tradicionalista, exclusiva e profundamente discriminatória, que decorria da fechada arquitectura conceptual existente em torno do conceito de analfabetismo, o novo conceito de literacia permite posicionar cada indivíduo num *continuum de competências* que decorre, também, da instrumentalidade social, profissional e pessoal que cada um consegue obter com a utilização das competências básicas da leitura, escrita e cálculo. Com o conceito de literacia, abrem-se novas dimensões de pensamento e de medida da proficiência de cada um, mas também se reduz o efeito discriminatório profundo que sempre se encontrou associado ao conceito de analfabetismo. É dentro deste novo pensamento que se insere o conceito de *analfabetismo funcional*, tal como o entendem Reis & Castro-Caldas (1998). Existe, assim, uma “uma visão parcelar do problema, na medida em que permanece tributária de uma visão dicotómica da população, dividida entre os que sabem ler e escrever (alfabetizados) e os que não sabem ler e escrever (analfabetos)” (Canário, 2000: 51-52).

Os contornos do pensamento e da construção conceptual em torno da questão do analfabetismo e da literacia tiveram, recentemente, um novo impulso e ganharam novas dimensões, através dos trabalhos de natureza neurológica, realizados por Castro Caldas (1998).

Castro-Caldas (1998a; 2002; 2003) refere que o analfabetismo, nos seus diferentes contornos, pode ser o resultado de três causas fundamentais:

- Ser-se portador de *defeito cerebral*;
- Ser resultado da *falta de prática de leitura e de escrita* por aqueles que, tendo aprendido na idade própria, não incorporaram na rotina das suas vidas estas operações;
- Ser *reflexo de problemas sociais em regiões* pouco desenvolvidas. Segundo o mesmo autor (op. cit., 2002), esta última razão é a que diz respeito aos “verdadeiros analfabetos”. Trata-se de indivíduos sem escolaridade básica devido a razões sociais, mas sem defeito cerebral.

Na nossa comunicação, assumimos a definição proposta pelo Instituto Nacional de Estatística (INE, 2003), segundo a qual o analfabeto é um “*indivíduo com 10 ou mais anos que não sabe ler nem escrever, isto é, o indivíduo incapaz de ler e compreender uma frase escrita ou de escrever uma frase completa*”.

### 3. Evolução das taxas de analfabetismo

No Quadro1, apresenta-se a taxa de analfabetos literais identificados nos anos de 1991 e de 2001.

**Quadro 1 – Evolução da taxa de Analfabetos Literais (1991 – 2001)**

Analfabetos Literais Identificados - Portugal		
Censos de 1991	Censos de 2001	Evolução Censos de 1991 – 2001
11%	9%	Redução de 2%

Fonte: INE (2002)

No ano de 1991, constata-se, através do recenseamento realizado, a existência de uma taxa de analfabetos literais de 11%, enquanto que, no ano de 2001, essa mesma taxa, era de 9%, ou seja, durante este período temporal (dez anos), houve um decréscimo de (apenas) 2% de analfabetos literais. Contudo, parece pertinente realçar que esta diminuição não expressa uma redução real do número de analfabetos literais, mas dever-se-á sobretudo, ao falecimento de muitos destes indivíduos.

Com o intuito de se proceder a uma análise mais pormenorizada, fez-se o apuramento dos dez concelhos, a nível nacional, que apresentavam os valores de analfabetismo mais elevados.

**Quadro 2 – Taxas de analfabetismo, a nível nacional por concelho**

	<b>Concelho</b>	<b>Taxa de Analfabetismo % (2001)</b>
1	Idanha-a-Nova	32,1
2	Alcoutim	29,4
3	Penamacor	28,8
4	Monforte	27,0
5	Ourique	26,2
6	Odemira	25,7
7	Pampilhosa da Serra	25,2
8	Arronches	24,2
9	Boticas	24,0
10	Oleiros	24,0

Fonte: INE (2002)

O concelho de Idanha-a-Nova é o concelho de Portugal que possuía uma população com maior índice de analfabetismo, ascendendo essa taxa aos 32,1%, seguindo-se Alcoutim com 29,4% e Penamacor com 28,8%.

Podemos verificar que todos os concelhos apresentavam uma taxa de analfabetismo bastante elevada, sendo esse valor superior em todos os dez concelhos a 24%.

De salientar a presença de quatro concelhos alentejanos, nos dez concelhos a nível nacional com maiores taxas: a saber Monforte (27%), Ourique (26,2%), Odemira (25,7%) e Arronches (24,2%).

Tendo em consideração estes dados, torna-se imperativo proceder a uma reflexão e análise mais pormenorizadas deste fenómeno na Região Alentejo.

No Quadro3, apresenta-se a percentagem de analfabetismo, de 1991 para 2001, na região Alentejo.

**Quadro 3 - Percentagens de analfabetismo, de 1991 para 2001, na região Alentejo**

<b>Analfabetos Literais Identificados – Região Alentejo</b>		
<b>Censos de 1991</b>	<b>Censos de 2001</b>	<b>Evolução Censos de 1991 – 2001</b>
21,9%	17%	Redução de 4,9%

Fonte: INE (2002)

Na região do Alentejo, e de acordo com o Recenseamento da população de 1991 (INE, 2001), a taxa de analfabetismo era de 21,9%, descendo, nos procedimentos de 2001, para 17%. Conforme se pode verificar, ocorreu um decréscimo de 4,9%.

No Quadro 4, Distribuição das frequências das taxas de analfabetismo no Alentejo.

**Quadro 4 – Distribuição das frequências das taxas de analfabetismo (Alentejo)**

Taxa de Analfabetismo	Número de Concelhos
> 21,0%	11
> 17,5% e < 21,0%	31
> 10,0% e < 17,5%	3
<10,0%	1
	46

Fonte: INE (2002)

Se efectuarmos uma análise mais fina da distribuição das taxas de analfabetismo desta região, apresentadas pelo INE (2001), podemos constatar que, dos quarenta e seis concelhos alentejanos, existem onze com taxas de analfabetismos superiores a 21%; trinta e um com taxas superiores a 17,5% e apenas quatro apresentam taxas inferiores a este último valor. De realçar, no entanto, que apenas o concelho de Évora evidenciava em 2001, uma taxa de analfabetismo inferior a 10%.

No Quadro 5 que se segue, verificamos quais os concelhos alentejanos que possuem percentagens mais elevadas de analfabetismo, em 2001.

**Quadro 5 – Taxas de analfabetismo, a nível nacional por concelho, na região alentejana**

	Concelho	Taxa de Analfabetismo % (2001)
1	Monforte	27,0
2	Ourique	26,2
3	Odemira	25,7
4	Arronches	24,2
5	Gavião	23,9
6	Almodôvar	23,0
7	Mértola	22,4
8	Sousel	22,2
9	Marvão	21,8
10	Nisa	21,3

Fonte: INE (2002)

Através da análise da informação constante no quadro anterior, é possível verificar que o concelho alentejano de Monforte é aquele onde se verificava uma taxa de analfabetismo mais elevada, com 27%.

Na tentativa de estabelecer uma “mancha de analfabetismo”, isto é determinar quais as zonas com maior índice de analfabetismo, podemos salientar a zona interior do baixo Alentejo, com os concelhos de Ourique, Odemira e Almodôvar e a zona do interior norte alentejano com os concelhos de Monforte e Gavião.

Para que esta identificação geográfica seja mais pormenorizada, apresentam-se as freguesias alentejanas que apresentavam as maiores taxas de analfabetismo em 2001.

**Quadro 6 – Taxas de analfabetismo, a nível nacional por freguesia, na região alentejana**

	Freguesia	Concelho	Taxa de Analfabetismo (%) (2001)
1	Pereiras- Gare	Odemira	44,5
2	Luzianes – Gare	Odemira	43,7
3	São Julião	Portalegre	42,3
4	São Barnabé	Almodôvar	41,2
5	Santana da Serra	Ourique	40,7
6	Monte da Pedra	Crato	38,6
7	Santana	Nisa	37,5
8	S. Martinho das Amoreiras	Odemira	36,5
9	Assumar	Monforte	35,7
10	Relíquias	Odemira	35,3

Fonte: INE (2002)

Ao efectuar-se uma análise ainda mais pormenorizada da distribuição das referidas percentagens, das trezentas e uma (301) freguesias da região do Alentejo, constata-se que, das dez que apresentam maior taxa de analfabetismo, quatro pertencem ao concelho de Odemira, conforme se pode constatar no quadro acima.

**Quadro 7 – Distribuição das frequências das taxas de analfabetismo (Alentejo)**

Taxa de Analfabetismo	Número de Freguesias
> 35%	10
> 35% e < 21%	156
> 21% e < 15%	86
> 15% e < 10%	30
<10,0%	15
	301

Fonte: INE (2002)

Como se pode verificar, através do Quadro 7, podemos afirmar que das trezentas e uma (301) freguesias pertencentes à Região Alentejo, 10 têm uma taxa de analfabetismo superior a 35%, 156 têm uma taxa de analfabetismo superior a 21%, 86 têm uma taxa de analfabetismo superior a 15% e apenas 15 têm uma taxa de analfabetismo inferior a 10% (sendo uma freguesia de Beja, São Baptista, a que menos taxa evidencia, com um valor de 4,2%.

### Em jeito de Conclusão...

O Analfabetismo é uma realidade com uma longa história na nossa sociedade, sendo uma problemática que persiste ao longo dos tempos e ainda hoje está bem presente no nosso País.

O Alentejo, devido às elevadíssimas percentagens de analfabetismo que apresenta, em muito devido à população envelhecida que possui, foi alvo de uma análise mais aprofundada, através da qual se ficou a conhecer a extensão desta problemática na região.

## Bibliografia

- Benavente, Ana (1996) (coord.). *A Literacia em Portugal*. Resultados de uma Pesquisa Extensiva e Monográfica. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Canário, Rui (2000). *Educação de Adultos*. Um Campo e Uma Problemática. Lisboa: Educa-Formação.
- Castro-Caldas, Alexandre (2002). *O Cérebro Analfabeto*. A influência do conhecimento das regras da leitura e da escrita na função cerebral. Lisboa: Bial.
- Castro-Caldas, Alexandre (2003). *Como encontrar áreas de interesse para estudar o cérebro analfabeto*, Revista *Psychologica*, n.º 34.
- Castro-Caldas, Alexandre & Reis, Alexandra (1998). *O analfabetismo no contexto dos modelos de estudo em Neuropsicologia*. *Neuropsych Latina*, 4 (2), pp.62-65.
- Castro-Caldas, Alexandre et al (1998a). *The illiterate brain*. *Brain*, 121, pp.1053-1063.
- Castro-Caldas, Alexandre & Reis, Alexandra (2003). *The knowledge of orthography is a revolution in the brain*. *Reading and Writing: An Interdisciplinary Journal*, 16, pp.81-97.
- INE (2001). *Censos 2001: Resultados Preliminares: XIV Recenseamento Geral da População: IV Recenseamento Geral da Habitação*. Lisboa: INE.
- INE (2002). *Censos 2001: Resultados Definitivos: XIV Recenseamento Geral da População: IV Recenseamento Geral da Habitação*. Lisboa: INE.
- INE (2003). *Antecedentes, Metodologia e Conceitos: Censos 2001: XIV Recenseamento Geral da População; IV Recenseamento Geral da Habitação / Instituto Nacional de Estatística*. Lisboa: INE.
- Lima, Licínio (1994). *Ano Internacional da Alfabetização 1990. Analfabetismo Funcional e Pós Alfabetização – Educação de Adultos Fórum I*. Braga: Universidade do Minho - Unidade de Educação de Adultos.
- Reis, Alexandra & Castro-Caldas, Alexandre (1998). *Implicações funcionais e biológicas do conhecimento da leitura e da escrita*. *Neuropsychology Latina*, 4 (2), pp.66-72.